



UFSM

Artigo de Especialização

O USO DA COR EM EDIFICAÇÕES HISTÓRICAS

Vanessa Pilla Nascimento

CECREPAC

Santa Maria, RS, Brasil

2005

O USO DA COR EM EDIFICAÇÕES HISTÓRICAS

por

Vanessa Pilla Nascimento

Artigo apresentado ao Curso de Especialização Profissional em Conservação e Restauro do Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em Conservação e Restauração do Patrimônio Cultural

CECREPAC

Santa Maria, RS, Brasil

2005

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Tecnologia
Curso de Especialização em Conservação e Restauro do Patrimônio
Cultural**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova o Artigo de Especialização

O USO DA COR EM EDIFICAÇÕES HISTÓRICAS

elaborado por
Vanessa Pilla Nascimento

como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em Conservação e Restauração do Patrimônio Cultural

COMISSÃO EXAMINADORA:

Caryl Eduardo Jovanovich Lopes
(Presidente/Orientador)

Denise de Souza Saad

Dinara Xavier da Paixão

Santa Maria, 04 de janeiro de 2005

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Professora Denise de Souza Saad, pelo incentivo e sabedoria, ao Professor Caryl Eduardo Jovanovich Lopes, pela orientação e atenção, a meus pais Arlindo e Ione Pilla, pelo apoio e carinho. De um modo especial, agradeço a meu marido Luiz Ricardo de Souza Nascimento, pelo incentivo e compreensão e a meu filho João Maurício Pilla Nascimento, de três meses, de quem tive que me privar algumas horas para a conclusão deste trabalho.

SUMÁRIO

LISTA DE ANEXOS	vi
RESUMO	vii
1.INTRODUÇÃO	01
2.MÉTODO	02
3.A POLICROMIA ATRAVÉS DOS TEMPOS	03
3.1.A COR PELO MUNDO	03
3.2.A COR NO BRASIL	07
4.A QUESTÃO DA COR	09
5.POLICROMIA X EDIFICAÇÕES HISTÓRICAS BRASILEIRAS	11
6.DISSCUSSÃO	15
7.CONCLUSÃO	19
8.BIBLIOGRAFIA	20

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A – A cor pelo mundo.....	23
ANEXO B – A cor pelo mundo.....	24
ANEXO C – A cor no Brasil.....	25
ANEXO D – A cor no Brasil.....	26
ANEXO E – Composições cromáticas.....	27
ANEXO F – O uso da cor em edificações históricas brasileiras.....	28
ANEXO G – O uso da cor em edificações históricas brasileiras.....	29

RESUMO

Artigo de Especialização

Curso de Especialização em Conservação e Restauro do Patrimônio Cultural

Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

O USO DA COR EM EDIFICAÇÕES HISTÓRICAS

Autora: Vanessa Pilla Nascimento

Orientador: Caryl Eduardo Jovanovich Lopes

Data e Local de Defesa: Santa Maria, 04 de janeiro de 2005.

Atualmente, a revitalização de alguns centros históricos brasileiros tem sido caracterizada, não só pelos processos intrínsecos a tal atividade, mas, sobretudo, por uma reinvenção do patrimônio no que diz respeito ao uso de cores em fachadas. O modo indiscriminado como estas são recriadas em detrimento da sua feição original e a questão da sustentabilidade econômica destes locais, como justificativa dos organismos responsáveis por estas revitalizações, são especialmente enfocados neste trabalho. O desconhecimento do processo de evolução das composições cromáticas da arquitetura brasileira contribui para soluções errôneas, quando se trata de intervenções no patrimônio histórico. Assim, agregado à análise dos fatores mencionados, um passeio evolutivo do uso da cor na arquitetura através dos tempos, no Brasil e no mundo, e uma sucinta elucidação sobre o fenômeno cor, conferem a este trabalho um complemento para a compreensão do valor inerente às edificações históricas.

1 INTRODUÇÃO

As edificações históricas são importantes portadoras de mensagens, isto é, reproduzem significados inerentes à identidade cultural de um povo em uma determinada época. Num momento em que é crescente o número de revitalizações de centros históricos no Brasil, ou seja, de ações ditas “preservacionistas”, estar atento ao resultado de tais intervenções é de suma importância para que não reinventem o nosso patrimônio e transformem os conjuntos de edificações históricas em um verdadeiro espetáculo de cores. Incitar a uma discussão, a fim de propiciar o desenvolvimento de uma consciência crítica relacionada à aplicação da policromia desenfreada em fachadas históricas, e analisar sob que ponto de vista, tal ação vem sendo justificada, são os objetivos principais deste artigo. A sustentabilidade econômica das cidades que possuem relevantes sítios históricos, a pintura como uma expressão de manifestação popular, a falta de materiais bibliográficos e iconográficos e a negligência na atuação dos agentes envolvidos vêm apresentar-se como hipóteses nas quais se apóiam determinadas intervenções. Estas são justificativas sensatas para tais ações? Este trabalho se propõe ainda a avaliar os critérios que devem ser considerados num estudo deste âmbito, de modo a colaborar para uma intervenção bem sucedida. Dentre esses critérios estão a compreensão do processo por que passou a arquitetura, desde os primórdios da humanidade até os dias atuais, no que tange ao uso das cores, bem como o conhecimento dos pressupostos teóricos e conceituais que envolvem o fenômeno cor.

2 MÉTODO

A cor se fez presente na arquitetura desde as primeiras civilizações. Em algumas épocas alcançou destaques maiores, em outras, apresentou-se mais sutilmente. De todas as formas, imprimiu sua marca através dos tempos, justificando sua utilização num passeio pelos vários estilos arquitetônicos. Na busca de um entendimento das relações estabelecidas entre as composições cromáticas e as fachadas dos edifícios históricos é que se realizou um estudo sobre a sua aplicação em construções que datam desde antes da era cristã até os dias atuais. Esse estudo abrangeu, de forma sucinta, edificações da Europa, Ásia, África e Américas, percorrendo vários estilos arquitetônicos.

As referências às ações de intervenção exemplificadas neste trabalho, assim como os estudos que deram suporte e propiciaram esta discussão foram buscados através de um processo metodológico que se baseou na análise de fontes secundárias: bibliografias específicas sobre o tema, tais como livros, artigos e trabalhos já publicados, bem como materiais iconográficos.

Embora o tema cor constitua um extenso leque de possibilidades de enfoque, com quantidade considerável de publicações, quando se refere à sua aplicação em arquitetura, há uma certa restrição. Assim, a existência de poucos trabalhos específicos sobre o assunto conferiu uma certa limitação, mas ao mesmo tempo, incentivou a um aprofundamento da discussão proposta.

3 A POLICROMIA ATRAVÉS DOS TEMPOS

3.1 A cor pelo mundo

O uso da policromia remonta à época do homem pré-histórico. As inscrições em vermelho e ocre, mais predominantes, além do preto, do branco, do verde e do azul, além de ornamentarem as cavernas tinham um caráter funcional: produzir efeitos de luz e sombra sobre a volumetria.¹

Os *Ziggurats*, espécie de pirâmide, comum aos Sumerianos, Babilônios, Assírios e Maias, tinham sua estrutura de tijolos revestida por uma camada de tijolos vitrificados em cores diferentes.² O de Nana (2100 a.C.), no atual Iraque, tinha suas paredes “pintadas sucessivamente em preto, vermelho, azul e dourado”.¹ Em Ectabana, atual Hamadan, capital do Irã, as cidadelas tinham suas paredes de pedras “pintadas nas cores branca, preta, vermelha, azul, laranja, com pináculos em dourado e prateado”.¹

A cor também esteve presente nas construções dos templos egípcios, cujo piso era pintado na cor verde, numa alusão às férteis margens do Nilo e o teto recebia estrelas na cor azul, simbolizando o cosmos.

Diferentemente dos modelos monocromáticos, que eram ou da cor do mármore, ou do bronze ou da terracota, aos quais estamos acostumados a ver reproduzidos, as construções gregas eram ornamentadas com pinturas em diversas cores. Além do aspecto decorativo, realçavam a volumetria e a forma, corrigiam distorções visuais e protegiam a superfície.

¹ Citação de autor desconhecido disponível em: <http://www.luxalon.com.br/htmls/214lux.html>

² Citação de autor desconhecido disponível em: <http://www.crystalinks.com/ziggurat.html>

Assim, frontões, tímpanos, cornijas, frisos, arquitraves, capitéis, colunas e estátuas recebiam tratamentos policromáticos (CEAC, 1995).

Em Pompéia, na Itália, a pintura e a decoração de paredes fizeram de sua arquitetura uma das mais interessantes manifestações artísticas. Carpiceci (1998) revela que a riqueza dessas artes foi expressa em diferentes épocas por relevos que imitavam o revestimento com mármore colorido (150-80 a.C.) e painéis constituídos por figuras e perspectivas.

Na arquitetura Bizantina a cor apareceu, predominantemente, na ornamentação interna das igrejas. Colunas de mármore branco e capitéis em azul e dourado. Pisos decorados com mármore e mosaicos. Nas paredes, mármore de diferentes cores e no teto, cúpula pintada de azul com detalhes dourados e mosaicos. O Românico, que se desenvolveu entre os séculos X e XIII, imprimiu nas fachadas das igrejas a cor da pedra da qual era construída. A policromia apareceu nos vitrais. Na arquitetura gótica a monocromia das fachadas prevaleceu. O colorido apareceu nos vitrais, nas abóbadas pintadas de azul estrelado e em sua estatuária.

A descoberta do uso das cores na arquitetura grega fez com que fosse apurada a utilização da policromia no período medieval, até então, ofuscada pelo purismo pregado no Renascimento. A proposta do movimento renascentista de retorno aos modelos clássicos pregava o uso de materiais na sua coloração natural.¹

A evolução do Renascimento para o Barroco alterou a arquitetura no final do século XVI. No que se refere à cor, o cinza da pedra utilizada no Renascimento foi substituído por mármore e outras pedras coloridas. Nas fachadas, geralmente predominavam uma ou duas cores.

¹ Citação de autor desconhecido disponível em: <http://www.luxalon.com.br/htmls/214lux.html>

A utilização do verde, amarelo, rosa e azul, matizes artificiais, refletiram a influência da policromia remanescente dos vitrais góticos e dos mosaicos bizantinos.¹

Os excessos gerados pelo Rococó provocaram, a partir da segunda metade do século XVIII, uma reação que desencadeou, mais uma vez, o retorno dos modelos da antiguidade clássica. A arquitetura Neoclássica buscou inspiração na Grécia e na Roma antiga. O Neoclássico não teve uma longa duração, sendo substituído por imitações de estilos históricos: gótico, renascentista, barroco, etc.

Entre meados do século XVIII e do século XIX, descobertas sobre a policromia na arquitetura egípcia alimentaram o reemprego da cor. No entanto, a polêmica sobre o assunto refreou a implantação de uma arquitetura colorida, cuja justificativa se apoiava nas novas descobertas. O uso da cor em superfícies externas permaneceu discreto. Na arquitetura Vitoriana e em alguns trabalhos de Viollet Le Duc, a cor ficou por conta dos tijolos aparentes de diferentes tonalidades, com detalhes em cerâmica colorida.¹

No Modernismo, surgido a partir do final do século XIX, as composições entre os diferentes materiais, imprimiram um aspecto decorativo da policromia em algumas construções. Caso de algumas obras de Antonio Gaudí, em que as superfícies são coloridas com mosaicos de cerâmica (CEAC, 1995). No *Art Nouveau*, a cor se mantém como mera coadjuvante, destacando-se apenas em detalhes de fachadas.

No período entre as duas Grandes Guerras, alguns movimentos tiveram destaque. No *Stijl*, por exemplo, o jogo de planos articulado a partir

¹ Citação de autor desconhecido disponível em: <http://www.luxalon.com.br/htmls/214lux.html>

de um cubo criava um movimento nas fachadas, dando uma nova forma ao edifício e criando efeitos visuais com o auxílio de cores primárias (vermelho, azul e amarelo). O contraste era criado com a aplicação do preto, branco e cinza. Rietveld, considerava “a cor como um componente essencial na construção da forma e do espaço.”¹

O emprego de panos de vidro, na sede da *Bauhaus*, na Alemanha, surtiu efeitos pelo mundo. As cores ficaram por conta das imagens refletidas pelos vidros e pela pintura e revestimento das superfícies de concreto. Após a Segunda Guerra, uma reação à homogeneidade gerada pela reconstrução racionalista dos edifícios destruídos, fez com que as cidades fossem coloridas novamente. Mesmo Le Corbusier, reconhecido pelo gosto pelo branco, não deixou de aplicar cores fortes e vivas para quebrar a aridez e a rigidez estrutural do concreto. Frank Lloyd Wright se rendeu às cores dos próprios materiais empregados na construção, destacando-os com elementos coloridos artificialmente. “...escolas primárias recebem cores vibrantes, blocos residenciais têm suas fachadas animadas segundo esquemas de cores complexos desenvolvidos por coloristas...”¹. O movimento Pós-Moderno, cujos primeiros projetos surgiram em 1950, abrigou uma gama de versões, entre elas o *High-Tech*, que pode ser exemplificado com categoria pelo Centro Georges Pompidou, em Paris. A preocupação formal e técnica foram enfatizadas pelo uso de cores vibrantes em diferentes partes do edifício.

Após essa viagem por exemplos de emprego da cor na arquitetura mundial, apresentar-se-á na próxima seção, a evolução da policromia nas construções brasileiras.

¹ Citação de autor desconhecido disponível em: <http://www.luxalon.com.br/htmls/214lux.html>

3.2 A cor no Brasil

Encontra-se na cultura indígena as primeiras manifestações com o uso da cor no país. As tintas coloridas eram extraídas do próprio meio. Embora presentes nos objetos e nas pinturas dos corpos, as casas que constituíam as aldeias permaneciam com as cores naturais da madeira e da palha. Em tempos mais remotos, as cores ocre e vermelho apareceram nas pinturas parietais em determinados locais do Brasil, relata Bardi (1975).

Com a chegada dos portugueses, identifica-se o início de uma arquitetura feita nos moldes brasileiros. As primeiras igrejas que os missionários ergueram eram modestas construções de taipa ou terra batida, geralmente cobertas de telhas rudimentares ou folhagens (Bardi, 1975). A cor era a dos matizes naturais dos materiais de construção. Ao poucos, o modo de construir foi se transformando. As mudanças ocorridas em Portugal refletiam na colônia como uma imitação de tudo que lá se fazia. Essas modificações ocorreram, especialmente, na arquitetura religiosa. No século XVII, as igrejas se tornaram mais “refinadas”, ganharam imagens policromadas e a pintura das paredes e tetos se tornou freqüente nas igrejas.

Conforme Reis Filho (1997), no século XVIII, as residências brasileiras (casa térrea, sobrado, casa geminada e chácara) eram construídas com as mesmas técnicas de antes, sendo que a pedra e o barro, e mais raramente tijolos, pedra e cal, também começavam a figurar. A cor de referência era a dada pelo uso da cal, gerando um monocromatismo, quebrado pela cantaria das janelas e portas e pela pintura destas com

corantes vegetais. Essa foi uma característica da arquitetura colonial de um modo geral.

A transição para o século XIX foi representada, na arquitetura residencial, pela casa de porão alto. Transformações discretas alteraram os padrões coloniais das fachadas que receberam decorações de azulejos coloridos. Aos poucos, a difusão da arquitetura neoclássica, devido à influência da Missão Francesa e da Academia Imperial, refinou as principais edificações (arquitetura oficial, principalmente) com o acréscimo de ornamentos, detalhes e elementos clássicos às fachadas. O branco colonial não reinava mais absoluto. As paredes das fachadas foram “pintadas de cores suaves, como branco, rosa, amarelo ou azul pastel...” (Reis Filho, 1997, p. 117). Os detalhes também receberam pintura. Maior destaque à cor era dado pelo enquadramento em pedra aparelhada das aberturas. Na segunda metade do século XIX, um novo padrão residencial surgiu. Aos poucos os afastamentos foram ficando maiores e estendendo-se às outras fachadas. No final do século XIX e início do século XX, o Chalé, fusão do esquema de sobrado urbano e da chácara representou a novidade na arquitetura residencial. As paredes externas, algumas vezes, eram mantidas com os tijolos aparentes, em outras, eram revestidas de azulejos. Na arquitetura religiosa, mas especialmente, na oficial e na coletiva, ressurgiram os elementos de estilos anteriores. Através de uma releitura de estilos históricos, instalou-se o ecletismo historicista.

Nos primeiros anos do século XX, a ostentação arquitetônica residencial se apresentou sob a forma do palacete. O desenvolvimento industrial permitiu que inovações formais fossem introduzidas. A procura de novos rumos para a arquitetura passou pelo *Art Nouveau* e pelo

Neocolonial, até chegar ao movimento modernista. O *Art Deco*, antecessor do Modernismo, reduziu a quantidade de ornatos nas fachadas e as coloriu com tonalidades pastéis de rosa, azul, verde e amarelo.

Na arquitetura moderna, o monocromatismo da pintura branca e o do mármore foram predominantes nas fachadas. Na década de 1950, o concreto aparente imprimiu o tom cinzento às paredes. A policromia apareceu sutilmente, nos azulejos que compõem, até hoje, algumas fachadas e painéis, como as da igreja da Pampulha e do Ministério da Educação, respectivamente. Ainda no prédio do MEC, a cor aparece nos brise-soleil azul.¹ A partir de 1980 “...os arquitetos recuperam o gosto pela policromia...”¹ Lina Bo Bardi abriu um novo caminho para a utilização de cores na arquitetura brasileira.

Assim, encerra-se esse passeio pela arquitetura no Brasil. A seguir, serão abordados aspectos gerais das relações cromáticas e sua interferência nos edifícios históricos.

4 A QUESTÃO DA COR

O conhecimento das teorias das cores, suas particularidades e seus conceitos são de grande valia para a compreensão do fenômeno cor. No entanto, se tratando de um tema específico e que exigiria uma análise à parte, este trabalho não se delongará neste sentido. Por outro lado, ter

¹ Citação de autor desconhecido disponível em: <http://www.luxalon.com.br/htmls/214lux.html>

ciência de noções básicas sobre as cores torna-se requisito para o desenvolvimento de uma intervenção em patrimônio histórico. Sabe-se que certas cores combinam bem, quando dispostas juntas, ao passo que outras provocam sensações desagradáveis. Os efeitos proporcionados são bastante diferentes. Basta reunir uma cor com outra para o resultado ser distinto: “...as cores se transformam em presença umas das outras” (Pedrosa, 1977). Para agregar cores, tornando sua visualização e percepção agradável e harmoniosa, deve-se observar alguns princípios. A relação de harmonia depende das cores utilizadas, das suas relações entre si, da luminosidade, da forma, do tamanho e da textura da superfície onde estão aplicadas. Por exemplo, as cores complementares se opõem diametralmente no círculo cromático, logo produzem efeitos bem diferentes dos proporcionados pelos esquemas monocromáticos ou de cores análogas, que se situam próximas no círculo das cores. As complementares podem causar um grande impacto, dependendo da proporção em que são utilizadas. Lado a lado elas têm sua intensidade aumentada (Abril Cultural, 1981). Em sua tese de doutoramento, Fazenda (2001) diz: “A cor manifestada no ser humano depende de características ambientais tais como fonte de luz incidente, distância do observador, características superficiais do objeto colorido, a química dos pigmentos e tinturas, seu brilho,...” Todos esses fatores contribuem para a aparência harmônica ou chocante que uma edificação pode provocar na pessoa. Contudo, não há uma regra para a composição cromática. O efeito visual depende do conhecimento técnico e da sensibilidade do profissional em compor com as cores.

5 POLICROMIA X EDIFICAÇÕES HISTÓRICAS BRASILEIRAS

Como se viu anteriormente, o uso ou não da cor variou conforme a evolução dos estilos arquitetônicos e do contexto onde se inseriam. Com o passar dos anos o quadro da arquitetura no Brasil sofreu modificações para atender às exigências do mundo contemporâneo. João Cabral de Melo Neto, *apud* Andrade (2003), diz: “a cidade tem o direito de progredir. Eu tenho o direito de não gostar daquele tipo de progresso. Tenho o direito de ficar decepcionado se não encontro lá, aquilo que eu antes encontrava”. No quesito das relações cromáticas em fachadas, essas transformações têm se apresentado de forma a causar preocupação. É claro que tal inquietação não faz alusão às novas construções, algumas, cujas fachadas pintadas com cores de gostos divergentes, embora não nos digam respeito, impõem um ofuscamento aos nossos olhos. O que se quer mencionar é a forma como algumas edificações de relevante significado para nossa história têm sido tratadas, especialmente aquelas inseridas em núcleos históricos.

Nas construções do período colonial a caiçação branca revestia as paredes. Já no século XIX, as edificações começavam a ser pintadas com pigmentos trazidos da Europa. Foi o princípio da policromia nas fachadas. Essa menção à arquitetura referida acima ocorre por algumas razões. São poucos os exemplares originais existentes que correspondem a esta época. Alguns precisaram se adaptar estruturalmente às necessidades impostas pela evolução do tempo. Em outros, as mudanças foram, uma espécie de modernização do vestuário original. Considerando que estas construções constituem, principalmente, centros históricos, ou seja, têm sua localização

no núcleo onde se originou a cidade, seu valor se reflete no desenvolvimento da história e cultura de uma sociedade. Arquitetonicamente, sua importância se dá como modelos de técnicas e materiais construtivos que já não se executam. É com base nesses argumentos que se apóia a preocupação com o resgate e valorização desse patrimônio. A forma como certos projetos de revitalizações vem sendo executados e sob quais justificativas se afirmam, ilustram bem essa inquietação.

Segundo Vieira (2002), o crescimento do setor turístico e a busca por uma diferenciação das demais cidades tem incluído os centros históricos no discurso da sustentabilidade econômica. Ações de revitalização têm contribuído para essas melhorias. No entanto, o que se tem reparado é que a conservação está sendo esquecida em detrimento da transformação, como analisou Zancheti (2003).

Um caso típico é o do centro histórico de Recife, no bairro de mesmo nome. Nele se localizam as edificações civis mais antigas da cidade, segundo Zancheti (2003). Grande parte das fachadas foi pintada nas últimas obras de revitalização pelo qual passou o bairro. Para Gomes (2003b), estas fachadas ostentam, hoje, uma composição de cores, que, certamente não é e nem se assemelha à original, definida quando da ampliação do cais do porto no início do século XIX. Rosa, roxo, verde-limão, amarelo-ouro, laranja, vermelho estão presentes nas mais diferentes combinações. Algumas cantarias acabaram desaparecendo por estarem encobertas pelas camadas de tinta, outras pelo simples fato de estarem ofuscadas por tantas cores. Referindo-se à cor da pintura dos edifícios ecléticos do bairro, Gomes (2003b) analisou que “...é possível que tenha existido, por parte

daqueles construtores, um consenso no uso de cores pastel,...”. Esse consenso, explicado por Eustáquio Gomes, *apud* Gomes (2003), revela que se cores escuras fossem utilizadas nas paredes externas, as ruas, que já eram estreitas, continuariam com o mesmo aspecto sombrio. E a claridade era indispensável para manter a aparência saudável dos ambientes urbanos.

Pode-se analisar, tomando como exemplo a revitalização do bairro do Recife, duas hipóteses que podem ou não ter contribuído para o resultado da intervenção:

1 - Negligência na atuação dos agentes envolvidos na ação de revitalização - em uma cidade como Recife, onde existem muitos exemplares da história arquitetônica do país é, no mínimo, arriscado o que foi realizado no centro histórico. A abertura de precedentes para ações deste gabarito pode resultar num modismo sem limites. Se os organismos responsáveis pela intervenção desejavam apenas revitalizar o bairro e não restaurar as cores originais dos sobrados seria desejável uma elucidação. Gomes (2003b), explicou que as fotografias existentes do bairro na época eram em preto e branco, o que pode ter dificultado o trabalho.

Atualmente, o resultado da onda cromática que se estabeleceu pode ser visto em outras cidades brasileiras, como Olinda, Ouro Preto e São Luís, por exemplo. Nem mesmo as edificações religiosas foram poupadas. Então, pode-se imaginar, o que é capaz de fazer o proprietário de um imóvel tombado sem a devida fiscalização dos órgãos de preservação.

Outra questão que envolve responsabilidade é a do agente patrocinador da intervenção. Tem-se conhecimento do alto investimento que envolve um projeto dessa envergadura. Assim, grande parte do que tem

sido executado atualmente, tem o patrocínio de empresas privadas. Como disse Zancheti (2003) “se esses atores e responsáveis pelas inúmeras decisões que afetam os projetos não possuem o mínimo de informação do que seja conservação e de sua prática, os resultados não poderão ser diferentes daqueles que estamos observando”.

2 - Valorização financeira X valorização cultural - a relação entre os valores culturais e financeiros na intervenção do centro histórico de Recife parece ter sido bastante estreita. Para Vieira (2002), o patrimônio histórico tem sido reconhecido como uma possibilidade turística, permitindo o incremento da cidade com o “algo mais” na busca por um diferencial, e na concorrência com outras cidades.

Na verdade, o bairro do Recife necessitava de uma mudança de imagem, e o projeto de revitalização veio ao encontro dos fatores estético, turístico e econômico. O problema não é a intervenção com fins lucrativos, mas o resultado desta quanto ao que se refere às questões cromáticas.

6 DISCUSSÃO

O processo que envolve a recuperação de edificações históricas ganha grande complexidade quando se refere à cor. Se por um lado não se deseja que os centros históricos se tornem lugares homogêneos, ascéticos, sem graça, delimitados rigidamente por um conjunto de normas, por outro não se pode permitir a banalização desses sítios de significativa relevância histórica.

O que se pretende, não é chegar a uma definição do que é certo ou errado quanto ao uso das cores, mas alertar para uma série de critérios que devem ser considerados para que não haja um mau entendimento e/ou uma deturpação de valores, como tem acontecido.

Originalidade das cores – referências bibliográficas, iconográficas, orais, e ainda, as prospecções, são ferramentas primordiais e indispensáveis para um resgate fiel da origem cromática. Em muitos casos os processos de intervenção se deparam com a inexistência ou a insuficiência de dados. Mas a falta de referências não pode preservar nenhum profissional, nenhum órgão de governo e nem uma empresa patrocinadora de sua responsabilidade na deturpação de um patrimônio histórico. A aplicação das cores em uma edificação comum por si só demanda um estudo para que o resultado final seja de qualidade. Quando se trata de edificações históricas, a responsabilidade se torna maior ainda.

Ações de responsabilidade - as instituições públicas e privadas, ao se responsabilizarem por tais atividades devem levar ao conhecimento público qual o tipo de intervenção à que se propõem executar. Algumas atitudes

podem evitar que pessoas leigas e até certos profissionais interpretem de forma errônea o que foi executado em determinados espaços e com base nesses exemplos tentem perpetuar essas ações em outros locais históricos, sem a adoção de qualquer critério. A precedência pode acarretar conseqüências desastrosas. É necessário que os agentes públicos, privados e comunitários estejam voltados para a construção de uma perspectiva comum. É ainda responsabilidade do profissional um estudo aprofundado, uma verdadeira anamnese da edificação com levantamento de todas as informações que possam adicionar ao projeto subsídios para uma intervenção coerente, séria e responsável. Alguns arquitetos e engenheiros parecem esquecer, ou mesmo desconhecer a história da arquitetura brasileira, seus processos evolutivos e características e ainda, parecem eliminar qualquer vestígio de um estudo sobre a harmonia das cores e composições cromáticas. Talvez haja a necessidade de alterações no currículo das escolas de Arquitetura para melhoria na formação do profissional. Mas não se pode apoiar numa desculpa desta o fato de um projeto de restauro, conservação, e outros afins, ser realizado sem uma base sólida de dados. Por isso é que se tratou de percorrer os caminhos da arquitetura, mesmo que de forma reduzida e concisa, no início deste trabalho.

Atrativo turístico x homogeneização - sabe-se que para o desenvolvimento da indústria do turismo, iniciativas públicas e privadas fizeram de alguns centros históricos, verdadeiros espetáculos de cores em prol da tal sustentabilidade econômica. Mas ao invés de promover o valor cultural desses locais, motivo das ações de intervenção, acabaram por descaracterizar o patrimônio histórico. Uma contradição proporcionada,

também, pela falta de critérios. Cabe ao profissional responsável pela intervenção ter o conhecimento e a sensibilidade para utilizar o recurso da cor e as possibilidades que ela oferece sem tornar os espaços urbanos cenários patéticos e sem diferencial algum. Um bairro não seria sem graça se todas as suas casas fossem pintadas de vermelho, por exemplo? Além disso, o colorido exacerbado de laranjas, roxos e cítricos de alguns prédios, não permite uma leitura arquitetônica clara. Balzi, *apud* Alves (2004) afirmou sobre a cor na estética urbana que: “se cada um colocar a cor que bem entender, sem avaliar, não haverá harmonia, não haverá estética”. E ainda, não fosse pelo traçado urbano, não se conseguiria identificar a qual centro histórico pertence uma determinada edificação ou um conjunto delas.

Crítérios científicos x expressão popular – em muitos casos, a cor expressa a espontaneidade dos habitantes de um determinado local. Definir uma verdade absoluta em se tratando do uso da cor em edifícios históricos demanda um estudo capaz de garantir um embasamento fiel, como já se discutiu. Prospecções físicas são apropriadas para a identificação de cores superpostas. No entanto, pode-se recair na inexistência ou insuficiência de informações. A dinâmica e o tamanho físico de alguns conjuntos também dificulta o exercício da prospecção. Tentar estabelecer um equilíbrio entre a busca da fidelidade e a espontaneidade no uso da cor, vinda da expressão popular, que por não acatar regras pode estar reinventando um bem pode ser uma tarefa extremamente difícil, mas necessária. Métodos alternativos podem ser utilizados: uma comparação com outras edificações construídas no mesmo período, ou então, o simples uso do bom senso. Nesta situação, todo cuidado é pouco. Mesmo sabendo que não há uma regra

preestabelecida para uma composição cromática, deve-se atentar para a combinação de cores. Outro artifício pode ser o estabelecimento de um diálogo entre os proprietários dos imóveis e os profissionais responsáveis pela intervenção, que com coerência e bom senso, certamente encontrarão o equilíbrio entre a teoria e a prática. Segundo Pinheiro, *apud* Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro (1987), “isso acabará por produzir, com todos os riscos que envolve, um marco histórico e uma nova cultura arquitetônica no que diz respeito ao uso da cor.”

7 CONCLUSÃO

A necessidade de criar um ambiente diferente, moderno e atrativo para a cidade pode gerar a perda de significados desse lugar. O que deveria contribuir para a diferenciação pode ter como produto a homogeneização. Como diz Andrade (2003) “o excesso de significantes cria um vazio de sentido”. No entanto, pode-se remediar esta situação que está sendo criada através do estabelecimento de atitudes responsáveis.

São essas ações de responsabilidade, inerentes aos atores envolvidos, as bases sólidas para manter o equilíbrio entre o retorno econômico e o cultural, e não permitir que lugares repletos de significado e memória sejam transformados em uma verdadeira paleta de cores. O conhecimento da evolução da cor na arquitetura, constitui elemento de base significativo para concepção de um projeto de restauração, conservação, etc. Agregado ao estudo de noções sobre a cor, fornece uma fundamentação teórica e responsável sobre seu uso em edificações históricas.

Há que se ressaltar ainda, a coerência e o bom senso, tão indispensáveis no desempenho desta arte, quanto o saber científico e o popular.

Assim, o conjunto de todos esses fatores, se bem conduzido e utilizado, continuará permitindo o crescimento e o sucesso tão almejado pelos setores turístico e econômico, e, sobretudo, permitirá que sejam mantidos os valores histórico e cultural de nosso patrimônio edificado sem ter que reinventá-los.

8 BIBLIOGRAFIA

A COR na arquitetura através dos tempos. Disponível em <http://www.luxalon.com.br/htmls/214lux.html>. Acesso em 04 mar. 2004.

ABRIL CULTURAL. **Boa Idéia! Formas e Cores no Artesanato**. v. 4, p. 15-18, São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1981.

ALVES, Harley. **O papel da cor na estética urbana**. mai. 2004. Disponível em: http://www.mundocor.com.br/cores/cor_esteticaurbana.htm Acesso em 13 nov. 2004.

ANDRADE, A. L. M. **Cidade e a Estética do Progresso**. ago. 2003. Disponível em: <http://carlota.cesar.org.br/arqbr/newstorm.notitia.apresentação>. Acesso em: 01 out. 2003.

BARDI, P. M. **História da arte brasileira**. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1975. 228p.

BARROS, L. R. M. **A cor no projeto arquitetônico**. [2002] data provável. Disponível em: http://www.mundocor.com.br/pontovista/projet_cor.htm. Acesso em 13 nov. 2004.

BENÉVOLO, Leonardo. **História da Arquitetura Moderna**. 3. ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1998. 813p.

CARPICECI, A. C. **Pompéia hoje e como era 2000 anos atrás**. 3. ed. Florença, Itália: Bonechi Edizioni “Il Turismo”, 1998. 126p.

ENCICLOPÉDIA CEAC DEL ENCARGADO DE OBRAS. **Historia de la Arquitectura**. Barcelona: Ediciones CEAC, 1995.

FAZENDA, C. M. A. **Uma investigação do sentido da cor**. [2001] data provável. Disponível em: http://www.mundocor.com.br/carlafazenda_tese.htm. Acesso em: 13 nov. 2004.

GOMES, Geraldo. **Patrimônio Insustentável**. jun. 2003. a. Disponível em: <http://carlota.cesar.org.br/arqbr/newstorm.notitia.apresentacao>. Acesso em: 02 out. 2003.

_____. **Patrimônio Reinventado**. jun. 2003. b. Disponível em: <http://carlota.cesar.org.br/arqbr/newstorm.notitia.apresentacao>. Acesso em: 02 out.2003.

PAPATHANASSOPOULOS, G. **The Acropolis Monuments and Museum**. Athens, Greece: Krene Editions, 1997. 95p.

PEDROSA, Israel. **Da cor a cor inexistente**. Rio de Janeiro: ed. L. Christiano, 1977. 220p.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. **Projeto Corredor Cultural - A Cor**. Rio de Janeiro, 1987.

REIS FILHO, N. G. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. 8. ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1997. 211p.

VALIGI, Cinzia. **Roma e Vaticano**. Narni – Terni, Italia: Plurigraf, 1990. 128p.

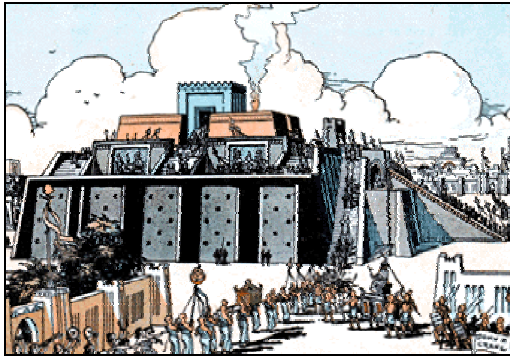
VIEIRA, N. M. **Práticas preservacionistas contemporâneas: valor cultural x valor econômico**. nov. 2002. Disponível em: [http:// carlota.cesar.org.br/ arqbr/ newstorm. notitia. apresentacao](http://carlota.cesar.org.br/arqbr/newstorm.notitia.apresentacao). Acesso em: 01 out. 2003.

ZANCHETI, S. M. **Transformar ou conservar os nossos centros históricos?** Jul. 2003. Disponível em: [http:// carlota. cesar. org. br/ arqbr/ newstorm.notitia.apresentacao](http://carlota.cesar.org.br/arqbr/newstorm.notitia.apresentacao). Acesso em: 02 out.2003.

ZIGGURAT. Disponível em [http:// www.crystalinks.com/ziggurat.html](http://www.crystalinks.com/ziggurat.html). Acesso em: 01 dez. 2004.

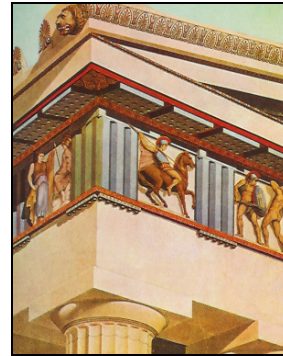
ANEXOS

ANEXO A – A cor pelo mundo



1 - Reconstituição de um Ziggurat

Fonte: <http://www.crystalinks.com/ziggurat.html>



2 - Reconstituição fachada sudeste do Partenon – Grécia
Fonte: The Acropolis Monuments and Museum



3 – Ruínas de Pompéia – Itália -
vestígios de cor nas fachadas
Fonte: Nascimento (2001)



4 - Batistério e Catedral de Santa Maria del Fiore – Florença - Itália
Fonte: Pistolesi

ANEXO B – A cor pelo mundo



1 - Mosaicos coloridos - Parque Guell
Barcelona – Espanha
Fonte: <http://www.barcelona-tourist-guide.com/park-guell.html>



2 – De Stijl - Casa Schroder
Utrecht -Holanda
Fonte: <http://www.galinsky.com/buildings/schroder>



3 – Cores na Unidade de Habitação
Marselha – França
Fonte: http://www.greatbuildings.com/Buidings/Unite_d_Habitation.html



4 – Cores no Centro Georges
Pompidou – Paris França
Fonte: <http://www.paris.org/Musees/Beaubourg/info.html>

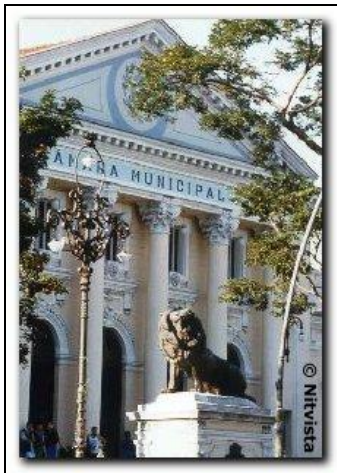
ANEXO C – A cor no Brasil



1 - Casas coloniais com discretas modificações – Ouro Preto – MG
Fonte: Nascimento (2001)



2 - Casas coloniais - fachadas com azulejos – São Luiz – MA
Fonte: Nascimento (2000)



3 – Edifício Neoclássico
Câmara Municipal – Niterói – RJ
Fonte: <http://www.nitvista.com/>



4 – Chalé – Escola de Arquitetura - UFF
Niterói - RJ
Fonte: <http://www.nitvista.com/>

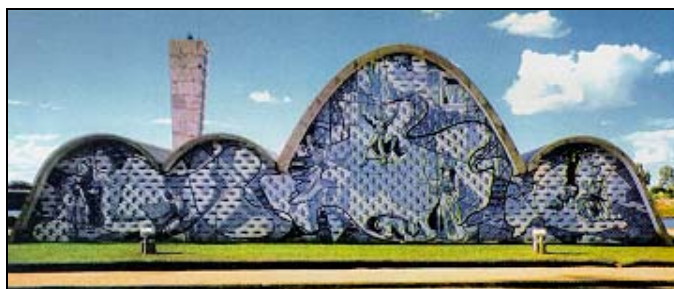
ANEXO D – A cor no Brasil



1 – Edifício eclético – Recife – PE
Fonte: Nascimento(1998)



2 - Edifício Art Deco – Reitoria da UFF – Niterói – RJ
Fonte: <http://www.nitvista.com>

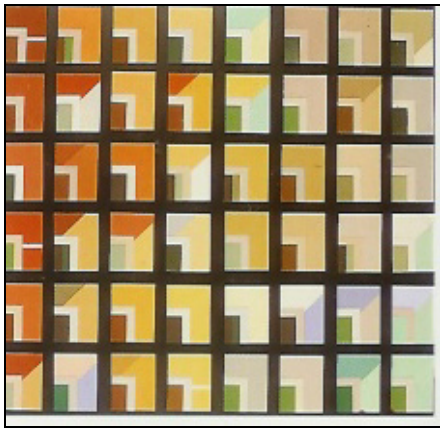


3 –Azulejos coloridos da Igreja da Pampulha – Belo Horizonte – MG
Fonte: <http://www.luxalon.com.br/htmls/214lux.html>

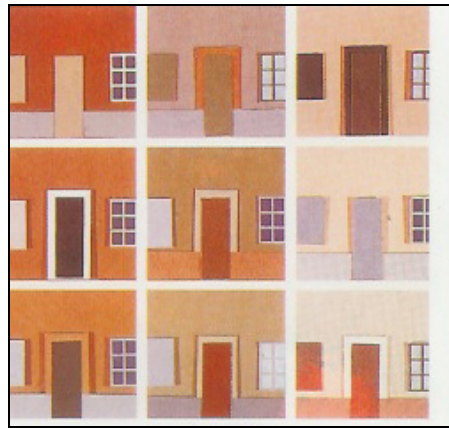


4 – MASP – São Paulo – SP
Fonte: <http://www.sampa.art.br/SAOPAULO/masp.htm>

ANEXO E – Composições Cromáticas



1 – Estudo de composições - Projeto
Plano de Cores de Barcelona – Espanha
Fonte: Project del Pla del Color de Barcelona



2 – Propostas cromáticas
Fonte: Project del Pla del Color de
Barcelona



3 – Cores vivas - Grosvenor Square
Londres - Inglaterra
Fonte: Project del Pla del Color de Barcelona



4 – Cores suaves - Amsterdam
Holanda
Fonte: Project del Pla del Color de
Barcelona

ANEXO F – O uso da cor em edificações históricas brasileiras



1 – Casa colonial – Olinda – PE

Fonte: Nascimento (1998)



2 – Casa geminada – Olinda – PE

Fonte: Nascimento (1998)



3 – Chalé – Olinda – PE

Fonte: Nascimento (1998)

ANEXO G – O uso da cor em edificações históricas brasileiras



1 – Contraste de cores – Recife - PE
Fonte: Nascimento (1999)



2 – Rua do Bom Jesus – Recife - PE
Fonte: Nascimento (1999)



3 – Rua A. Lisboa – Recife - PE
Fonte: Nascimento (1999)



4 – Rua A. Lisboa – Recife - PE
Fonte: Nascimento (1999)